muitos dos quais somente se conhecem nome e fragmentos. A opção é justificada pelo público a que o *Dicionário* se destina (p. XI). Contudo, sentimos, particularmente, falta de retóricos. Há um artigo sobre a Oratória (pp. 317-322), e outro sobre os Logógrafos (pp. 284-285). No artigo sobre a Segunda Sofística, referem-se desenvolvimentos da teoria retórica e da prática oratória durante o respectivo período, e menciona-se o nome de Aftónio de Antioquia (séc. V d.C.). Em nosso entender, porém, é insuficiente, e nomes como o do retor e filósofo Hermágoras de Temnos (séc. III a.C.), de Élio Téon de Alexandria (2^a metade do séc. I d.C.), de Hermógenes de Tarso (sécs. II-II d.C.) certamente mereceriam, cada um, artigo particular: o primeiro, pela sistematização de novos paradigmas na teorização das divisões retóricas (em especial a dicotomia *tese/hipótese*); o segundo, pela circunstância de ter sido autor dos mais antigos — e o mais original — manual de *Exercícios Preparatórios* conservado; o último, pelo trabalho de sistematização da tradição escolar anterior e pela aceitação de que viria a gozar na posterior, em domínios da invenção retórica e das categorias do estilo. De outros campos, talvez merecessem igualmente menção um Apolónio Díscolo (séc. II d.C.), para muitos, um dos mais reputados tratadistas de gramática da Antiguidade e o “Pai” da sintaxe; ou um Autólico de Pítane (360-290 a.C.), geómetra e astrónomo, e autor dos mais antigos textos científicos gregos conhecidos.

Há, por outro lado, grande profusão de informações relativamente ao género romance e seus representantes, em comparação com as notícias relativas a outros autores da maior importância, como Platão ou Aristóteles. Esta opção é assumida, e prende-se com o facto de estes serem sobejamente conhecidos do grande público, ao contrário do que sucede com o romance e os romancistas, e isto em contraste com a circunstância de o romance ser hoje o género mais divulgado nas literaturas ocidentais.

A concluir, estamos certos de que este será do maior interesse para todos os interessados na cultura, civilização e intelectualidade gregas, e que a ela desejem aceder, através dos testemunhos apropriados, que são os autores. Não obstante, nas mãos de público mais especializado (entenda-se, estudantes, docentes e investigadores de filologia clássica), não deixará de ser uma útil obra de referência, para uma primeira consulta a propósito de um determinado autor ou género.

RUI MIGUEL DE OLIVEIRA DUARTE

Cristina de Sousa Pimentel, Delfim Ferreira Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira, *Marcial: Epigramas*. Vol. III, Lisboa, Edições 70, 2001 (142 pp.).

Veio a público, no passado mês de Novembro, mais um volume dos *Epigramas* de Marcial, desta vez respeitante à tradução portuguesa dos Livros VII, VIII e IX.

À semelhança do verificado nos dois volumes anteriores, assinala-se como texto de referência para a presente obra de tradução a edição de D. R. Shackleton

Bailey, *M. Valerii Martialis Epigrammata* (Stuttgart, Teubner, 1990). Em termos de organização gráfica, mantém-se a mesma linha editorial: a nota prévia indica, entre outros aspectos, os responsáveis pela tradução (p. 5); a introdução contextualiza, em termos históricos e culturais, a produção dos livros VII, VIII e IX, sem deixar de fornecer alguns dados que nos motivam para a leitura e que se revelam importantes para sua compreensão (pp. 7-12); a tradução dos epigramas preenche as restantes páginas (pp. 15-142).

Mantém o presente volume o mesmo pendor didáctico dos dois anteriores, sendo que para ele concorrem a manutenção de uma mancha gráfica agradável à vista e facilitadora da leitura, bem como o recurso às diferentes notas explicativas, chamadas a explicitar determinados passos menos claros ou de percepção menos evidente para o leitor pouco ou nada familiarizado com a literatura e cultura latinas.

No que concerne à tradução dos *Epigramas*, os autores revelam-se grandes conhecedores da língua latina, fiéis ao texto epigramático e sensíveis à mestria literária de Marcial. Ainda em conformidade com o registado nos dois volumes anteriores, mantêm o mesmo critério de traduzir para francês as palavras e expressões registadas em grego, no original (*vide* VII 46; 57; IX 94). A fidelidade colocada na tradução de termos pornográficos ou pouco edificantes, bem como a manutenção do calão são aspectos que gostaríamos de destacar como claramente conseguidos.

Gostaríamos de louvar, uma vez mais, o trabalho de equipa desenvolvido pelos docentes das Faculdades de Letras das Universidades de Lisboa e Coimbra, que se revela amplamente frutífero, tendo em conta a periodicidade das suas publicações.

Para concluir, fazemos votos de que o próximo volume saia para breve, de forma a que possamos dar por completa a tradução para Língua Portuguesa da obra poética do mais famoso epigramista latino da Antiguidade Clássica.

ISABEL GRAÇA